**LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O OLHAR DO ALUNO DE PEDAGOGIA ACERCA DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Maria Taiza Naiara da Silva Luz[[1]](#footnote-1)

Estudante do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); E-mail: mariataizaluz@gmail.com

Thamires de Sousa Paiva[[2]](#footnote-2)

Estudante do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); E-mail: thamires.nbrt@gmail.com

**Resumo**

Este trabalho é resultado de uma atividade de pesquisa realizada no componente curricular Alfabetização e Letramento no curso de licenciatura em Pedagogia. Esta atividade teve a finalidade de realizar um estudo de caso com uma criança com de três anos e oito meses, ainda não alfabetizada e analisar a hipótese de escrita desta, de acordo com os estudos de Ferreiro e Teberosky (1999). Com essa atividade empírica, reunimos dados para neste trabalho refletir sobre a nossa perspectiva como alunas de Pedagogia, acerca do processo de leitura e escrita de uma criança. Para composição desta pesquisa, foram realizadas duas entrevistas com a mesma criança, em apenas um dia, e utilizamos dos recursos semelhantes da autora Dias (2001) as atividades “prova do nome próprio e quatro palavras e uma frase” e “portadores de texto”. Além disso, a fim de agregar maior fundamentação ao nosso estudo, recorremos a outros autores como Soares (2001;2004) e Scarpa (2006), além de documentos como as diretrizes curriculares nacionais. Os resultados do estudo apontam para uma nova percepção do aluno de pedagogia em relação a crianças bem pequenas na aprendizagem de leitura e escrita, pois nessa etapa os mesmos demonstram ter desenvolvido a habilidade de interagir no campo letrado, basta que tenham os recursos certos para que isso ocorra.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Aluno de Pedagogia. Leitura e escrita.

**Introdução**

Vivemos em um mundo grafocêntrico, em que a escrita e leitura estão no centro da realidade social. Compartilhamos, diariamente, uns com os outros a linguagem escrita, ou oral, por meio de mensagens de texto, utilizando os mais variados recursos tecnológicos, na televisão encontramos anúncios, na internet vários escritos, que requerem do cidadão sua leitura e interpretação. Nesse sentido, desde muito cedo as crianças são inseridas nesse contexto, algumas têm a oportunidade de interagir com esse universo por intermédio dos pais, e outras que tem o seu primeiro contato na primeira etapa da educação básica, a Educação Infantil.

O interesse por esse trabalho surgiu a partir das discussões no componente curricular Alfabetização e Letramento, ministrado no quarto período do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Norte (UERN). A ementa da referida disciplina discute os conceitos alfabetização e letramento considerando os seus aspectos sociais e históricos, e a indissociabilidade entre esses dois processos para o acesso ao mundo da escrita pela criança. A Psicogênese da língua escrita e as perspectivas que enfocam o alfabetizar letrando também são evidenciados.

Dessa maneira, os assuntos abordados trouxeram para os alunos diversas oportunidades de problematizar acerca do processo de alfabetização e letramento de crianças na Educação Infantil, já que desde muito pequenas, as crianças experimentam um contato direto com a linguagem por meio da comunicação com os adultos. Conforme a autora Corsino (1992) “A linguagem como manifestação, presente em todas as esferas da atividade humana, apresenta-se de muitas formas e, dentre elas, a linguagem escrita tem ocupado um lugar relevante no mundo contemporâneo” (p.41). Dito isso, objetivamos refletir sobre a experiência empírica de pedagogos em formação que realizaram uma pesquisa sobre a concepção de leitura e de escrita de uma criança ainda não alfabetizada na Educação Infantil, que teve como aporte teórico os estudos de Ferreiro e Teberosky (1999).

O trabalho possui um caráter qualitativo, pois não se limita a quantidade de informações, mas sim, a reflexão que pode ser feita a partir dos dados recolhidos. Para isso, foram realizadas duas entrevistas com a mesma criança, embasadas em dois instrumentais da autora Dias (2001): as atividades “prova do nome próprio e quatro palavras e uma frase” e “portadores de texto”. A primeira, consiste em pedir para que a criança escreva o próprio nome, com a finalidade de perceber o modo como a criança realiza essa tarefa; se inverte letras, se não sabe escrever seu nome de modo convencional, se apenas só sabe escrever seu nome, dentre outros aspectos. A segunda atividade se constitui em selecionar quatro palavras com uma mesma categoria semântica cumprindo o critério de número de sílabas: uma palavra polissílaba, uma trissílaba, uma dissílaba e outra monossílaba, por fim, é solicitado a criança que elabore e escreva uma frase com uma dessas palavras escolhidas por ela. No outro momento, realizamos a atividade “portadores de texto”, no qual são levados alguns portadores de textos: como rótulos, embalagens, revistas, livros, entre outros. Em seguida esse material é exposto para criança, a fim de conhecer quais os portadores textuais que a criança tem familiaridade, a partir disso algumas perguntas são feitas, para investigar a percepção da criança sobre o que está escrito.

Além disso, recorremos a outros autores, que também dialogam com essa perspectiva, nos dando aporte para compreender os achados na entrevista e interpretá-los, como Ferreiro (2001) que traz conceitos e concepções acerca da escrita, Teberosky e Colomer (2003) analisando como a criança assimila informações e adquire conhecimentos a partir de textos, Soares (2001) que discute a concepção de letramento que temos nos dias atuais, e como pode ser trabalhado com as crianças na fase escolar.

**Educação Infantil: espaço de aprendizagem**

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2009) – DCNEI, as creches e pré-escolas são oferecidas na Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, nas quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos. Ainda mais, podem se constituir em estabelecimentos educacionais públicos ou privados, a fim de educar e cuidar de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial.

Muito se questiona se nessa etapa da educação a prioridade deve ser a socialização da criança, ou as práticas de alfabetização e letramento. Entretanto, os que defendem a alfabetização para crianças bem pequenas, acreditam que as crianças bem pequenas já desenvolvem hipóteses sobre a linguagem, tendo em vista que muitas delas já estão integradas ao mundo letrado. De acordo com Vygotsky (2008) na fase inicial, quando a criança passa atribuir significados aos seus desenhos e rabiscos, ela está descobrindo o sistema de representação da linguagem escrita.

Para Magda Soares, no Glossário Ceale (2014), a alfabetização é a aprendizagem de um sistema notacional que representa, por grafemas, os fonemas da fala. A leitura e escrita são construções sociais e históricas, uma vez que, apenas os humanos são capazes de utilizar essas linguagens, a fim de comunicar-se com seus semelhantes. Sendo assim, o pedagogo pode ser um mediador entre a criança, mesmo muito pequena, e o contexto letrado, uma vez que, ele pode ler livros, revistas, ser escriba, para o aluno, levando-o, ao letramento.

De acordo com Ferreiro (2001) a escrita é um sistema de representação da linguagem, não um processo de codificação. Nesse sentido, as crianças no início da escolarização, que consiste em apresentar o sistema de representação dos números e o sistema de representação da linguagem escrita, enfrentam dificuldades semelhantes “às da construção do sistema, e por isso pode-se dizer, em ambos os casos, que a criança reinventa esses sistemas” (p.13). É importante deixar claro que não é que a criança vá reinventar as letras ou os números, porém, para que elas possam fazer uso desses elementos, precisam compreender o processo de construção e as regras de produção desse sistema.

Dito isso, as crianças realizam produções espontâneas para compreender a natureza da escrita. “Quando uma criança escreve tal como poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado” (FERREIRO, 2001, p.17). Portanto, a criança elabora um sistema de representação por meio de um processo construtivo, no qual ao enfrentarem problemas progridem regularmente bem como nas soluções que encontra em relação a tentativa de descobrir a natureza da escrita. Desse modo, Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que a criança formula hipóteses sobre a escrita, e percorrem alguns caminhos, no qual podem ser representados pelos níveis pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

O processo de aprendizagem da escrita na Educação Infantil tem sido historicamente um desafio, visto que continua a preocupação constante de pais e professores sobre a alfabetização das crianças, de modo que a alfabetização ultrapassa o processo de aprender a ler e escrever, puramente. A alfabetização compreende também o letramento, ambos devem ser articulados nesse processo de ensino/aprendizagem na Educação Infantil, que tem como principal objetivo o desenvolvimento integral da criança, levando a criança a compreender a escrita como um instrumento cultural e complexo, uma linguagem, e não simplesmente um código a ser descoberto por ela, pois essa aprendizagem faz parte de um processo amplo. O letramento, conforme a autora Soares (2004), é “entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais” (p. 97), portanto não é somente aprender a ler e escrever, mas desenvolver a habilidade de fazer uso corretamente da língua, é a condição que o indivíduo alcança após dominar a escrita.

**Caminhos metodológicos percorridos**

A entrevista foi realizada com uma criança de três anos e oito meses, chamado Eduardo – ainda não alfabetizado – e que começou a frequentar a Educação Infantil neste ano de 2018. A atividade foi realizada na casa da avó do entrevistado, a escolha do local se deu para que o mesmo permanecesse em um ambiente familiar para que o diálogo fosse algo mais agradável e teve apenas um dia de duração.

A primeira atividade que realizamos com a criança entrevistada, se denomina “prova do nome próprio”, tendo em vista que o nome possui um grande significado para criança. Pelo nível que Eduardo se encontra, ele não conseguiu escrever o seu nome com as letras, mesmo este tenha sido mostrado a ele. As autoras Ferreiro e Teberosky (1999, p. 225) relatam que no nível 1 “a escrita do nome próprio é impossível ou se realiza segundo as características das outras escritas, como um número indefinido ou variável de grafismos de uma tentativa à outra”. Além do seu nome, o entrevistado, escreveu mais dois nomes, que se referem a outros membros de sua família.Seus traços, embora não sejam letras, possuem sentido de memória e significação pessoal para a criança.

Em relação à produção da criança em “quatro palavras e uma frase”, observamos que ao escrever as quatro palavras Eduardo fez desenhos ondulados semelhantes aos traços que fez para representar seu nome, referente a dimensão dos objetos. Dessa maneira, cada palavra que escreveu, representava a proporção do objeto, mostrando o conhecimento prévio que tinha acerca do valor semântico que propomos, que foram: melancia, banana, maçã e uva (embora, essa última não seja monossílaba, foi a menor palavra que encontramos, para o campo semântico que escolhemos). Para maior palavra (polissílaba) ele desenhou um círculo em volta dos rabiscos, em seguida no termo de três sílabas, foi reduzindo o tamanho dos rabiscos, até chegar na menor palavra em que fez apenas um traçado pequeno. Segundo Ferreiro; Teberosky (1999, p. 194) “estes dados e outros recolhidos nos mais diversos contextos evidencia uma tendência da criança a tratar de refletir na escrita algumas das características do objeto”. Por conseguinte, formulamos a frase “Eduardo gosta de melancia”, como continha a palavra melancia, fez novamente o círculo seguido dos rabiscos de igual modo das outras atividades realizadas, ou seja, em forma de ziguezague.

Após observar os escritos de Eduardo nestas atividades, ficou perceptível que a criança se encontra no nível pré-silábico, em que a mesma representa a escrita através de traços, linhas e outras formas. De acordo com Ferreiro (2001)

as primeiras escritas infantis aparecem, do ponto de vista gráfico, como linhas onduladas ou quebradas (ziguezague), contínuas ou fragmentadas, ou então como uma série de elementos discretos repetidos (p.18).

Isso significa que apenas quem escreveu sabe o que significa. Ainda mais, foi perceptível que na escrita de Eduardo não se relaciona ao som das palavras.

No que diz respeito a atividade “portadores de texto” Eduardo inicialmente mostrou conhecer a maior parte dos portadores que levamos, expressando seus conhecimentos sobre eles. Apontando para alguns portadores, ele disse os que conhecia, pedimos então para que dissesse o que era cada um daqueles objetos, como por exemplo ao olhar para um frasco de shampoo ele leu “Passar no cabelo”, refrigerante ele interpretou como “Para beber”, já panfletos e revista ele disse “Não sei” e por fim, sobre um livro infantil ele disse “É uma historinha, tem tudo dentro”.

Nesse momento, percebemos o quanto ele sabia sobre os escritos, mesmo sem saber ler convencionalmente o que estava escrito, mostrou-se capaz de compreender aqueles textos de maneira única. Compreendemos, então, que é possível, trabalhar com crianças bem pequenas, pois as mesmas entendem o que está a sua volta, para isso devemos ser mediadores das práticas de letramento.

**Concepção dos entrevistadores: nosso olhar sobre essa experiência**

De acordo com Teberosky e Colomer (2003) a criança constrói hipóteses a partir da interação com a escrita. Tais hipóteses aproximam-se com a pesquisa realizada. Especialmente quando Eduardo nos fala que o shampoo serve para passar nos cabelos e quando aponta para a escrita tem o nome da marca do shampoo. Para as autoras essa hipótese acontece devido ao conhecimento das letras, bem como a relação que a criança faz que quando existem várias palavras próximas, estas se combinam e consequentemente pode-se ler.

No curso de Pedagogia, apesar dos estágios supervisionados obrigatórios, atividades das Práticas Pedagógicas Programáticas e do currículo deste curso estar organizado de uma forma que possibilite concatenar os saberes teóricos com as práticas, as demais disciplinas teóricas pouco oferecem tarefas práticas que estejam direcionadas para os processos de ensino/aprendizagem de forma empírica, visto que cada semestre possui um período limitado de aulas, que algumas vezes impede a realização de atividades de extensão. Nesta perspectiva, conforme a resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, em seu Art. 6º, inciso III, alínea b, a estrutura do curso de Pedagogia se constituirá em um núcleo de estudos integradores que, além disso, proporcionará enriquecimento curricular e compreende participação em: “atividades práticas, de modo a propiciar vivências, nas mais diferentes áreas do campo educacional, assegurando aprofundamentos e diversificação de estudos, experiências e utilização de recursos pedagógicos” (BRASIL, 2006).

Desta forma, vivenciar experiências de natureza investigativa como esta, na disciplina de Alfabetização e Letramento e ainda no quarto período, proporciona aos futuros pedagogos um aprendizado mais humanizado e concreto. Mesmo que haja discussões em sala de aula sobre os referenciais teóricos supracitados, foi durante a aplicação dos recursos semelhantes aos utilizados pelas autoras Ferreiro e Teberosky (1999), que pudemos compreender de fato o que elas e os demais autores defendem. E verifica-se importância a essas experiências durante a graduação, pois, quando esse pedagogo inicializar o seu exercício em sala de aula, este será mais preparado e instruído sobre as dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita das crianças, compreender a sua evolução, aplicar suas hipóteses e descobrir qual a forma mais adequada de lidar com estas dificuldades.

Além do aprofundamento teórico e metodológico a partir do desenvolvimento da práxis, que fortalece a formação inicial do pedagogo, concebemos essa experiência crucial para nosso desenvolvimento profissional, visto que, é na graduação que podemos refletir sobre as concepções e construir nossos conceitos sobre o que está a educação e suas vertentes. Por isso, a atividade realizada nos permitiu uma visão diferente do que se concebia sobre o processo de apropriação da linguagem escrita em crianças bem pequenas.

Scarpa (2006) afirma que se os pequenos forem envolvidos em atividades que os façam pensar e compreender a escrita, no final dessa etapa eles estarão naturalmente alfabetizados. Contudo, é necessário respeitar os ritmos de cada criança e os seus reais interesses em cada momento vivenciado na Educação Infantil

Dessa maneira, interpretamos que o professor precisa estabelecer uma relação entre as crianças e o contexto letrado, por meio de livros, revistas, jornais, embalagens e das múltiplas linguagens, para que a criança seja capaz de atribuir sentidos às experiências oferecidas. Para Soares (2001) as crianças que têm uma imersão nas literaturas ouvem seus pais, ou professores lerem contos, rabiscam “letras”, percebem os significados da escrita, então, essas crianças, por mais que não saibam ler e escrever, já estão inseridas no âmbito do letramento.

Portanto, os processos de alfabetização e letramento têm diferenças e articulações, mas caminham juntos e são fundamentais para o desenvolvimento pleno do sujeito. O professor precisa estar atento a esses fenômenos, criando estratégias, utilizando materiais diversos, pois as crianças bem pequenas são ativas e competentes na compreensão da realidade na qual está inserida.

**Considerações finais**

Algumas relações são estabelecidas na construção dos vínculos teóricos e das perspectivas práticas utilizadas para realizar este trabalho. Com isso, as leituras propostas dos referenciais teóricos citados, como Ferreiro e Teberosky (1999) que abordam a evolução da escrita das crianças, uma vez que, falam como os sujeitos criam hipóteses acerca do sistema de escrita, nos possibilitam uma visão diferenciada da construção da criança em relação a esse conhecimento. Outro autor que consideramos importante foi Vygotsky (2008) que reconhece que a escrita precisa ser significativa para a criança, e deve ser incorporada como tarefa necessária e relevante para a vida social. Buscamos, também, em Soares (2001) as concepções de alfabetização e letramento.

Além desses, buscamos em Ferreiro (2001) reflexões sobre a alfabetização como é importante a escrita na vida do ser humano, podemos perceber também as etapas que a criança desenvolve ao iniciar o processo de escolarização. Por muito tempo, e até nos dias atuais, os rabiscos que as crianças fazem não são levados em consideração, porém nesta pesquisa, encontramos nesses escritos grandes significados para nossa formação. Em Teberosky e Colomer (2003), nos deparamos com uma proposta construtivista para ler e escrever, no qual as autoras discutem que a leitura e escrita não estão apenas nas matérias escolares, mas, também, encontram-se fora da sala de aula.

Portanto, as crianças precisam de ambientes ricos em experiência de leitura, pois precisam compreender como funciona o sistema de linguagem escrita. Contudo, é um processo de construção e cada etapa deve ser valorizada, evidenciando que cada criança possui suas características e singularidades, bem como seu tempo e por isso não deve ser comparado ao de outras crianças, pois existem vários fatores, tanto biológico quanto social que envolve o processo de aquisição da língua escrita.

É importante destacar que as impressões das crianças sobre o que elas aprendem estão relacionadas ao sistema linguístico, e não necessariamente são grafemas perfeitos, por isso seus traços e rabiscos consideram a sua idade e seus primeiros contatos com a escrita escolar, então é importante destacar que estes relacionam-se aos contextos e suas experiências com a leitura e escrita.

Essas percepções foram favorecidas devido a metodologia sugerida para realizar este trabalho experimental, o percurso utilizado nos proporcionou conhecer discussões referentes às interpretações e escritas das crianças. Assim, após as construções teóricas foi mais viável perceber que a criança estudada utilizou de recursos contextuais e históricos para escrever e expressar seus interesses e suas vivências na escrita. Salientamos que as atividades propostas foram, de maneira geral, agradáveis para a criança, pois consistiam em atividades lúdicas e dialógicas que conversam com a proposta construtivista do conhecimento tratado pelos autores abordados no decorrer deste trabalho, portanto, esta perspectiva proporciona à criança uma maior liberdade para a desenvoltura da criança e não exigiam da criança a normatização de regras para sua realização.

Por fim, a experiência da investigação e da elaboração de um trabalho de pesquisa nos suscitou novos parâmetros para a pesquisa científica e, por tanto, nos permitiu vasta contribuição pessoal e acadêmica no que se refere a psicogênese da língua escrita e de novas contribuições pedagógicas para futuras realizações profissionais.

**Referências**

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia.** CNE/CP: Brasília, 2006.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Infantil:** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CORSINO, Patrícia. **Letramento na Educação Infantil:** questões para pensar a prática pedagógica. Rio de Janeiro, 1992. Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

DIAS, Ana Iorio. **Ensino da linguagem no Currículo.** Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** 24.ed. São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção Questões da Nossa Época; v. 14).

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed,1999. 304 p.

SCARPA, Regina. **Alfabetizar na Educação Infantil. Pode?** Revista Nova Escola. Ed. 189. Fev. 2006. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/585/alfabetizar-na-educacao-infantil-pode> Acesso em: 25 de set. 2018.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento:** Caminhos e Descaminhos. Artigo publicado pela revista Pátio – Revista Pedagógica de 29 de fevereiro de 2004, Artmed Editora.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros - 2 ed, Autêntica, Belo Horizonte, 2001.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa; **Aprender a ler e a escrever uma proposta construtiva.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Faculdade de Educação (FaE). Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale). **Glossário Ceale:** termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, 2014.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São paulo: Martins Fontes, 2008

1. Aluna integrante do Programa de Educação Tutorial – PET/Pedagogia/UERN (SESU/MEC) [↑](#footnote-ref-1)
2. Aluna integrante do Programa de Educação Tutorial – PET/Pedagogia/UERN (SESU/MEC) [↑](#footnote-ref-2)